

Sphere: Guia de Integração

Stablecoins

para Fintechs

no Brazil_



O caso estratégico das stablecoins no Brasil

O Brasil está se consolidando como o mercado mais avançado da América Latina em finanças digitais—onde regulação, tecnologia e comportamento do usuário evoluem de forma coordenada.

A iniciativa Drex do Banco Central introduz um real tokenizado com lógica programável via smart contracts; a Lei nº 14.478 reconhece formalmente as stablecoins dentro de um arcabouço jurídico claro. O PIX já movimenta mais de 150 milhões de pagamentos por dia, enquanto o Open Finance Brasil abre caminho para uma interoperabilidade de dados sem precedentes. Nesse contexto, as stablecoins não são apenas uma nova forma de pagamento—estão se tornando infraestrutura crítica para conectar a inovação doméstica ao sistema financeiro global. Elas oferecem alternativas mais rápidas, baratas e programáveis aos corredores tradicionais—mas exigem fluência em regras em constante evolução, como as mudanças recentes no IOF.

Este playbook traz as perguntas que as equipes estratégicas já estão fazendo:

Quais são os casos de uso não-convencionais?

O que as stablecoins realizam que os sistemas tradicionais não conseguem?

E como construir em um mercado que já está um passo à frente?



Oportunidade de mercado

O panorama de pagamentos no Brasil é definido por uma combinação única de inovação e concentração de mercado. Embora o PIX tenha transformado a movimentação doméstica de dinheiro, os pagamentos internacionais continuam caros, lentos e opacos—especialmente para pequenas e médias empresas (PMEs) e negócios que não são bem atendidos pelos bancos tradicionais. As stablecoins enfrentam diretamente esses desafios e abrem novas oportunidades:



Concentração Bancária

Os cinco maiores bancos brasileiros concentram mais de 80% dos ativos financeiros, mantendo taxas elevadas de transação (3–5% no processamento de cartões), mesmo com o avanço digital.



Atrito Cross-Border

Controles cambiais complexos e exigências burocráticas via ROF e SISCOMEX geram ineficiências significativas para empresas que operam com o exterior.



Infraestrutura Doméstica

Enquanto os pagamentos domésticos evoluíram com o PIX, a liquidação internacional ainda depende de trilhas antiquadas, criando fricção operacional para fintechs e empresas globais.



Crescimento do E-commerce

Com um mercado de e-commerce avaliado em US\$ 87 bilhões (2024), o Brasil exige soluções de pagamento eficientes tanto para transações locais quanto internacionais.

Vantagens estratégicas

das stablecoins

Para compreender o valor de negócio tangível que as stablecoins desbloqueiam, é útil compará-las diretamente com a infraestrutura legada da qual a maioria das fintechs brasileiras ainda depende. Para equipes de produto e financeiro que avaliam capacidades cross-border, esse comparativo deixa algo evidente: **as vantagens trazidas pela infraestrutura de stablecoins não são incrementais—elas são estruturais, em termos de alcance, custo e velocidade.**

Infraestrutura Tradicional de Pagamentos no Brasil	Infraestrutura com Stablecoins	Valor Operacional
Custo cross-border 3.5%–6% de custo efetivo, somando spreads de câmbio, taxas bancárias e despesas operacionais	Viabiliza pagamentos instantâneos com baixo custo, permitindo escalar serviços para novos mercados internacionais.	Reduz custos de compliance, liquidação e conciliação internacional; viabiliza serviços mais baratos ao cliente, menor exposição a fraudes e outros riscos.
Liquidação PIX: Instantâneo (doméstico) Swift: 2–5 dias úteis (internacional)	Habilita transações em tempo real e simplifica processos, melhorando a experiência do usuário.	Melhora a gestão de liquidez, reduz o risco de contraparte e agiliza a conciliação financeira.
Acessibilidade Alcance internacional limitado, apesar de forte cobertura doméstica	Amplia o mercado alvo total, sobretudo em países emergentes.	Possibilita acesso a novos segmentos e regiões de mercado, especialmente em países em desenvolvimento.
Integração Sistemas fragmentados entre corredores domésticos e internacionais	Acelera a criação de novos produtos e impulsiona a inovação do ecossistema nacional.	Simplifica processos de back-office e permite integração a serviços baseados em ativos digitais.

Arcabouço regulatório

brasileiro

O Brasil já lidera a regulação do ecossistema de ativos digitais na América Latina, com marcos como a Lei 14.478/22 e o Decreto 11.563/23, que colocam o Banco Central como autoridade responsável pela supervisão do setor. Esse ambiente regulatório mais claro tem permitido que fintechs lancem e operem produtos—especialmente stablecoins—com mais segurança jurídica.

Maio de 2025 marcou uma mudança importante. O Banco Central propôs novas regras para restringir os fluxos de stablecoins, incluindo possíveis proibições de transferências para carteiras de auto-custódia e carteiras no exterior. As propostas refletem uma crescente preocupação com a fuga de capitais e com o papel dominante que as stablecoins passaram a ter no mercado de FX brasileiro—já envolvidas, segundo estimativas, em 85% do volume das transações com ativos digitais.

Na mesma época, foi anunciado um novo IOF de 3,5% câmbio para o exterior, o que ilustra o quão politicamente sensível se tornou a movimentação de capital para transações cross-border—e quão rapidamente o ambiente regulatório está mudando.

A principal lição para líderes do mercado?

Compliance não pode ser tratado como uma etapa posterior. À medida que as exigências aumentam, fintechs e bancos que se projetam desde o início com foco em transparência, controles robustos e alinhamento local estarão mais preparadas para escalar com agilidade.

Construindo a base certa

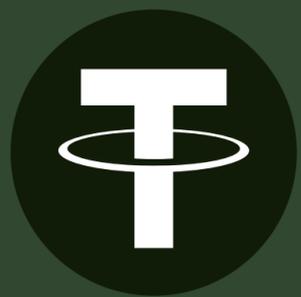
Para compreender o valor de negócio tangível que as stablecoins desbloqueiam, é útil compará-las diretamente com a infraestrutura tradicional da qual a maioria das fintechs brasileiras ainda depende. Para equipes de produto e financeiro que avaliam capacidades stablecoins, esse comparativo deixa algo evidente: as vantagens trazidas pela infraestrutura de ativos digitais não são incrementais—elas são estruturais, em termos de alcance, custo e velocidade.



Se o seu produto exige estabilidade em dólar e segurança cambial, considere o USDC. É a stablecoin mais transparente e amplamente aceita, com práticas de auditoria robustas e adoção crescente nas exchanges brasileiras. Ideal para fluxos em USD como exportações, pagamentos a freelancers ou repasses a fornecedores internacionais.



Se seus usuários são sensíveis à volatilidade do dólar ou trabalham com precificação nativa em reais, o BRZ pode ser a melhor escolha. Como stablecoin lastreada em BRL, o BRZ permite manter a lógica da moeda local, aproveitando a infraestrutura digital. Funciona bem para pagamentos a lojistas, carteiras locais e relatórios fiscais alinhados ao real.



Se liquidez imediata for a maior prioridade, o USDT (Tether) lidera em volume global e, junto com o USDC, representa a maior parte das transações com stablecoins. O USDT é indicado para casos em que a liquidez em tempo real é mais crítica do que a compliance regulatório—como arbitragem ou ferramentas de negociação on-chain. Ambos os ativos já são amplamente auditados e respaldados por estruturas sólidas de custódia.



Se a sua fintech busca estar à frente das mudanças regulatórias, acompanhe ativos emergentes como o PYUSD, depósitos bancários tokenizados e stablecoins compatíveis com o Drex. Embora ainda em estágio inicial, essas alternativas podem se alinhar melhor às diretrizes brasileiras ao longo do tempo, especialmente para empresas que desejam se integrar ao sistema bancário tradicional ou operar em verticais reguladas.

Stablecoins não são fungíveis entre blockchains. Suas características funcionais —finalidade da transação, custo, composabilidade e interoperabilidade—são determinadas pela rede onde são emitidas e transacionadas. O USDC na Solana se comporta de forma fundamentalmente diferente do USDC na Ethereum ou na Polygon. A escolha da rede não afeta apenas o desempenho—ela molda o acesso à liquidez, as ferramentas para desenvolvedores, a postura regulatória e a experiência do usuário.

Para fintechs brasileiras integrando fluxos com stablecoins, a seleção da blockchain é uma decisão de arquitetura de produto. Ela impacta a estrutura de custos, a jornada de onboarding do usuário, os requisitos de compliance e a facilidade para expandir para novos mercados ou protocolos.

Veja como avaliar

suas opções



Solana

Alta capacidade de processamento, baixa latência e custos operacionais mínimos. Com finalização em ~400 ms e transações a centavos de centavo, a Solana é ideal para casos de uso de alta frequência, onde o custo marginal e a latência impactam diretamente a performance do negócio. É especialmente adequada para remessas, liquidação em tempo real para lojistas e qualquer aplicação em que o evento de pagamento esteja fortemente acoplado à interação do usuário.



Ethereum + L2s (como Arbitrum, Base)

O ambiente mais testado para emissão de ativos. Ideal quando há necessidade de segurança elevada, familiaridade institucional ou acesso a um ecossistema DeFi maduro—ótimo para tesouraria, produtos financeiros tokenizados e soluções que exigem confiança institucional.



Tron

Com forte presença em mercados emergentes e volumes significativos de stablecoins, a Tron é uma das redes mais usadas para transferências internacionais de varejo. Seus custos baixos e alta liquidez tornam a rede atraente para casos de uso como remessas, câmbio peer-to-peer e pagamentos entre carteiras. No entanto, seu foco limitado em conformidade regulatória pode não ser ideal para soluções empresariais ou fluxos com requisitos locais específicos.



Spherenet

Uma blockchain permissionada e orientada à compliance, construída sobre a Solana VM e voltada para liquidação regulada de stablecoins. A Spherenet introduz primitivas de compliance programável, validação com whitelists e emissão de stablecoins com governança política on-chain (PoGS). É especialmente indicada para fintechs enterprise que operam em ambientes altamente regulados.

Construindo com um parceiro orquestrador de stablecoins

Para times de produto e engenharia, o caminho mais rápido para integrar stablecoins não é construir tudo do zero, é escolher um provedor de API que abstraia a complexidade da blockchain enquanto entrega confiança regulatória, acesso à liquidez e uma experiência de usuário fluida.

A Sphere oferece APIs unificadas para envio, recebimento e gestão de fluxos com stablecoins, assumindo os desafios mais difíceis: on/off-ramps, compliance, transparência cambial e lógica de ledger. O parceiro certo não é apenas um provedor de infraestrutura, é seu co-arquiteto de liquidez e compliance que auxilia na velocidade de desenvolvimento. É importante que sua empresa escolha um parceiro que te permita lançar mais rápido, antecipar-se à regulação local e abstrair a complexidade das blockchains por trás de uma interface única:

1

A infraestrutura se encaixa na nossa estratégia de produto?

O provedor suporta as stablecoins, blockchains e moedas que fazem sentido para nossos casos de uso? (Ex: USDC na Solana para velocidade).

Ele escala com a gente de um corredor a vários, de um fluxo único à automação completa de tesouraria?

2

Podemos confiar nas políticas de compliance desse provedor?

Ele lida com exigências específicas do Brasil, como validação de CPF, relatórios da Instrução 1888 e localização de dados segundo a LGPD?

Possui controles de compliance on-chain compatíveis com os padrões da CVM em evolução?

Existem mecanismos para nos adaptar a novas regras como possíveis restrições sobre tipos de carteira ou atualizações no IOF?

3

As APIs cobrem os fluxos que importam para nosso business?

Conseguimos enviar e receber pagamentos, converter moedas e gerenciar saldos de forma simples e totalmente via API?

Os on/off-ramps para BRL e USD já estão prontos, ou teremos que desenvolvê-los?

A experiência para desenvolvedores é clara, bem documentada e com suporte técnico?

4

Esse parceiro acelera nosso go-to-market?

Eles oferecem exemplos de implementações ou suporte para pilotos iniciais?

O modelo de precificação é previsível e compatível com nossas margens esperadas?

Um bom parceiro API-first não apenas viabiliza o produto, ele acelera sua execução e reduz o risco estratégico.

Quer começar a construir com stablecoins?

Fale com a equipe da Sphere e descubra como nossas APIs de stablecoin podem ajudar você a lançar mais rápido, manter o compliance e escalar com confiança.

Entre em contato ou agende uma chamada introdutória diretamente por [aqui](#).

